

A MORTE DO LOBISOMEM

Oliveira Machado



Um
CONTO
de Oliveira Machado

São Francisco de Paula
Halloween 2025

A Morte do Lobisomem

Alice não se preocupou em se perder ao tomar a estrada a pé. Sozinha. Não estava com medo de não encontrar uma alma viva, ou morta. Nem se importava que esta manhã fosse 1º de Novembro: Dia de Todos os Santos, véspera de Finados.

Saiu da cama sentindo-se uma casca vazia. Resultado da noite anterior. Ontem, com certeza, se tornaria o dia das bruxas inesquecível na memória dos jovens demais para compreender o que, de fato, aconteceu. Quando cruzou os portões e a ponte de ferro, lentamente, não demonstrou sequer vestígio de sua derrota interna.

Retornara a região apenas por ele, mas falhou em colocar um fim no sofrimento dele e de suas vítimas.

“Se eu não tivesse tido medo... teria deixado ele chegar perto o bastante para enfiar a minha faca de prata bem no meio do seu coração.”

Na noite anterior, ela o procurou e poderia tê-lo matado, se já tivesse certeza. Mas no momento da confirmação, quando ele começou a se transformar, teve medo. Medo de estar enlouquecendo. Em seu íntimo sabia que ele estava ligado aos

crimes da região, e sabia *o quê* ele era. Mas ao ter certeza, ficou confusa, amedrontada, sem saber o que fazer. Já tinha presenciado encontros com esse tipo de criatura, e eles nunca acabam bem. Por isso, correu, ainda achando que estava louca.

Na hora pareceu a melhor atitude. Se fosse uma alucinação, dobraria a dose do remédio e, no dia seguinte estaria melhor – no mínimo estaria humilhada. Se fosse tudo verdade teria se salvado. Seu instinto de autopreservação falou mais alto: lutar com um lobisomem seria fatal. O resultado é que ele escapou. Não teve coragem de matá-lo antes que virasse aquilo. E não podia enfrentá-lo depois de ter virado.

Poderia ter impedido que ele seguisse assassinando. Como assassinou a criança que a brigada encontrou semana passada. A menina destruída que ela, como perita criminal do Instituto Geral do Rio Grande do Sul, fotografou.

A polícia, por fim, o encurralou na ponte. Acertaram disparos o suficiente para atingi-lo inúmeras vezes. Or usa disso ele dispensou para o rio. Mas o caso é que não encontrado o tal bicho não identificado, nas buscas durante a madrugada. Ele escapou. E ela sabia que, por sua culpa, mais pessoas morreriam.

Mas aceitar as coisas como são não é um hábito seu.

Então, Alice caminha consciente de tudo à volta: o vento, os odores, sons, estalidos, o farfa-

lhar das folhas. Sua esquerda, sua direita e atrás. Parece apenas uma turista, de mochila nas costas e câmera pendurada no pescoço. Mas está atenta a qualquer mínimo movimento.

Ela aposta na chance de que ele esteja fugindo em direção a rodovia, para a cidade mais próxima. Ele não é visto desde a noite anterior. Seus aposentos estavam vazios esta manhã. Alice escutou um funcionário comentar com outro durante o desjejum na cantina.

A estrada depois da ponte é uma subida íngreme que a faz suar um pouco. Antes de serpentejar mata a dentro. Mesmo com copas de araucárias aqui e ali, há uma predominância de pinheiros invasores. Lembra um pouco a estrada da coxilha onde tia Zuleika morava.

Alice fez as curvas com a sensação de estar revivendo recordações confusas e dolorosas. Caminha sem pensar no passado objetivamente, mas atenta para encontrá-lo a qualquer momento. Traumas geralmente não têm rosto. Mas com ela é diferente. Tem até sobrenome.

Uma outra parte de si se pergunta se ontem paralisou apenas por medo, ou se o choque se deu por que sempre quis acreditar que as fantasias que criou ao redor de sua adolescência eram apenas fantasias. Bem no fundo, queria que suas lembranças não passassem de fantasia, de uma peça que sua própria mente lhe pregou em um momento de estresse extremo.

A noite do dia das bruxas provou que sua vida tem sido uma mentira. As sessões de terapia, os medicamentos para controlar sua psicose. Sempre esteve certa em temer *“coisas que não existiam”*. Ontem viu com seus próprios olhos o que sua terapeuta e o psiquiatra, com aquele jeito todo educado, tentaram lhe convencer de que eram apenas representações de um provável estupro.

Subitamente Alice afasta esses pensamentos e se dá conta que ontem ele a farejou até a porta da cabana.

Será que poderia farejar o seu rastro durante o dia, mesmo sem estar transformado? O certo é que agora, de dia, ele não passa de um senhor, ao contrário da noite passada, quando aterrorizou os hóspedes das cabanas no Parque do Passo, arranhando portas, uivando e perseguindo carros. Até que a polícia chegasse.

É por este motivo que ela amarra a faca ao pulso com um cordão de couro. Para outras mulheres, estar sozinha em uma estrada que serpenteia dentro do mato, sobre uma montanha, pode parecer amedrontador o suficiente para que se armem. Para Alice, até agora, o caminho está tão tranquilo quanto a natureza pode ser em uma linda manhã ensolarada. Sua apreensão interna provavelmente se deve à **intenção obscura** em seu coração. Não por cortar o meio do mato sozinha.

Poucos quilômetros foram o bastante para cruzar com sinalizações indicando que, naquela altura da estrada, lá embaixo, ao pé do precipício, encontrava-se a barragem do passo do inferno. Avistou duas ou três casas também. Estivessem mergulhadas na vegetação densa, ou assentadas em pequenas pradarias, todas transmitiam um mesmo sentimento de solidão. Janelas fechadas. Sem sinal de moradores, nem de famílias.

Uma em especial, chamou a atenção de Alice. Telhas francesas, paredes amarelas, aberturas vermelhas. Quase escondida das vistas de quem passa, abraçada pelas sombras de árvores frondosas.

Foi inevitável notar a semelhança com o lar que **ele** já teve. O lugar onde foram cruéis com ela. Os olhos ficaram presos naquela casa. Tentou imaginar onde estariam as pessoas que ali viviam, se é que vivia alguém ali. Se estivesse vazia seria um providencial esconderijo para Moacir, quase como se fosse um novo lar.

A propriedade está cercada com arames farpados, mas o portão não está colocado. A porta trancada, as janelas também. Ela bate e chama. Sem resposta.

De volta à estrada, não consegue seguir. Sente que existe um mistério lá dentro. Uma coincidência curiosa estar pintada com as mesmas cores da casa de sua tia. Só que sobre a porta não existe a janela do sótão onde a trancavam com frequência,

no breve período em que viveu com eles em Paróquia de São Cristóvão.

Lembra dos embates e de como ele a humilhava diante dos filhos, a chamando de cadela e rapariga. Os rompantes violentos. O dia em que a perseguiu mas quem terminou apanhando foi a esposa.

Por fim, já que não conseguiu entrar e não escutou absolutamente nada, deixa os pés a conduzirem em frente. Para encontrar as outras curvas do caminho, que levam cada vez mais para cima, e vai ficando mais pedregoso.

E finalmente tem uma vertigem quando o desfiladeiro surge à beira da estrada, expondo os outros picos do cânion cortado pelo rio Caí. Depois da barragem, lá embaixo (onde não consegue enxergar), existe a Usina Hidrelétrica do Passo do Inferno.

Alice cruza com os fios de alta tensão que sobem até uma pequena subestação cercada de telas, a beira da estrada. Ao lado estão as ruínas da antiga subestação. Ou ela imagina que seja isso. Pensa que ali também seria um bom esconderijo. Mas o lugar não lhe prende a atenção. E ela segue em frente.

Sua blusa está úmida, e o cansaço de alguns quilômetros percorridos a convida a admirar o ponto onde quis descer do táxi na vinda. A estrada está quase no topo, e a vista dali revela a curva em u do rio ao pé dos desfiladeiros. Bem à sua

frente está uma montanha, e à sua esquerda o outro braço das montanhas que estão do lado de cá. Se voltando para trás há um morro íngreme, com uma rocha larga quase no topo.

Alice passa por entre os arames farpados. Precisa tomar fôlego mais de uma vez antes de se sentar na rocha. Sente pena daqueles que vislumbam o lugar a partir da estrada somente. Sem se atrever a invadir uma propriedade só pelo privilégio da visão magnífica que se pode ter mais do alto.

A brisa que está secando sua roupa esfria o pescoço, causando-lhe um arrepio. Da mochila tira um casaco de lã onde vai enfiar os braços, enquanto uma névoa repentina se infiltra no canyon e começa a subir a encosta das montanhas. Já está frio antes do sol enfraquecer, antes que ela possa se dar conta que uma nuvem espessa surgiu acima dela. Como se fosse um gigante abraçando a montanha, e conseqüentemente, ela também.

Talvez fosse hora de sair. Mas Alice quer ficar um pouco mais.

O segmento de terras elevadas à esquerda é bonito de se olhar, tem araucárias e veios de vegetação preenchendo os sulcos entre os pedaços de campos côncavos. Uma cena bucólica, que não se vê todos os dias.

Então ela esfrega os olhos para garantir que não estão lhe pregando uma peça.

Onde o demônio o largou na noite anterior para que o pobre diabo estivesse quase ao fim da manhã no meio daqueles campos, tão perto dos penhascos.

Sentiu-se uma tola por ter escolhido descansar num ponto tão a vista. Deveria surpreendê-lo para ter alguma vantagem. Jamais o derrubaria num embate justo. Frente a frente. Tinha de pegá-lo desprevenido.

Não perdeu tempo, mas o perdeu de vista, descendo atrapalhada o morro que recém tinha galgado. O acesso aos campos que vira do alto é mais adiante na estrada do que tinha calculado. A mochila está pesada demais para continuar carregando, então é deixada ali mesmo, na beira da estrada.

Ela corre. E a estrada parece incrivelmente longa, com curvas e mata fechada, antes que possa alcançar o acesso. Não sabe se ele a farejou, se a avistou descendo o morro, se a escutou chegando. Não sabe quantos minutos intermináveis separaram seu impulso de ir ao encalço dele, até estarem olhando um para o outro. Ela na estrada, ele no meio da relva.

Mais uma vez todos os planos de Alice falharam. Qualquer plano nunca funcionaria.

O necessário é que ela seja o **fluxo do próprio ódio**, instrumento da vingança que lhe arde por dentro. Alice decide que só tem que deixar as coisas acontecerem. Por isso atravessa outra cerca de

arames farpados. Por isso tira a mão do bolso, revelando a faca, indo na direção dele.

Por isso é ele quem corre desta vez. Ainda não está sangrando como ela já sangrou há tantos anos. Mas corre. Como ela mesma já correu antes. A vida é assim. “Um dia da caça, outro do caçador.”

Como se fosse uma parede engolindo o mundo para dentro da luminosidade acinzentada, a sombra da massa de nuvens que se ergueu sobre as montanhas percorreu o campo, no encalço deles. E os alcançou.

O clima, nesse momento, tinha se transformado em um monstro etéreo, que queria ditar as regras sobre a terra. A certa distância, onde o campo despenca centenas de metros até a margem pedregosa do rio, os braços de nuvem e névoa se erguem como tentáculos grossos. Em breve não restará qualquer vestígio do azul no céu.

Moacir não correu para a estrada, não tentou contê-la. Fez o contrário, correu para a beirada do campo, em direção a uma massa de vegetação.

Alice sabe o que ele está fazendo. Está tentando afastá-la das vistas de qualquer um, para então liquidá-la, de algum jeito. Com sua própria faca de prata talvez. O que seria irônico. Mas seria, pelo menos, um ponto final para qualquer um dos dois, e para as mortes na região.

Ele poderia se embrenhar na mata. Tentar atravessá-la para chegar a estrada. Mas não. Con-

tinuou correndo, ainda que seu fôlego não estivesse mais aguentando.

Passam pelas araucárias centenárias, gigantes e solitárias, antes do chão ficar um pouco íngreme. Uma descida levando para mais perto da estrada, mas também para um veio d'água escorrendo em um sulco pedregoso do terreno, com destino aos degraus duros de rocha que o despejarão dentro do canyon.

Alice está quase cambaleando, seu peito dói com a respiração pesada e o coração bate forte, ao avistá-lo de novo, do outro lado da água. Ele está com as mãos nos joelhos, não aguenta mais. Olhando algumas vezes para a estrada às suas costas, mais acima. Quase completamente oculta pela neblina.

Ele está cansado, preocupado. Ele está velho. Ela pode perceber a exaustão no corpo dele depois de uma noite alucinante. Até onde sabe, não foi derramado sangue desta vez. Estaria fraco por causa disso?

As gotículas da neblina que os envolve resfriam a pele, junto com o vento que começa a soprar mais forte. Ele sente o frio em seus ossos, e isso o enfurece. Tanto quanto a insolência da garota tentando acuá-lo. Seu olhar feroz revela quanto ódio arde dentro do velho desprovido de força que ele é agora. Despido. Nu. Tão vulnerável quanto um bebê, ao relento. A neblina, cada vez

mais grossa, faz a água se condensar e escorrer dos cabelos, na pele, dos próprios cílios.

Nú e indefeso.

Quando quer, um certo demônio rasga o véu e atravessa do outro lado para este. E é através do corpo dele que faz isto. Quando a lua está cheia no céu. É preciso ser muito forte para aceitar esse fardo, para dividir sua vida com o indizível e o inominável. Ainda mais depois que começou a senti-lo dentro de si em plena luz do dia.

Não tem lua agora. Também não tem sol. Não tem noite e nem dia. O mundo ali mergulhou na neblina cinzenta da montanha. Ele queima no peito as forças que lhe restam para fazer o ódio romper sua casca e expulsar o demônio de dentro dele e devorá-la.

Quer que ele a mate. Aquela fedelhazinha de merda. É assim que a chamava quando garota.

Terá prazer em quebrar seus ossos e depois arrancar a carne deles. Seu sangue seria delicioso? Quando voltar a si, jogará os restos no final do córrego, na beira do abismo. E talvez ninguém nunca a encontre.

Eles estão cada um dentro de si, em seus pensamentos, sem dizer uma palavra sequer, como se coreografassem se atacar.

Na mente de Alice está o rosto da menina que encontraram no rio, sua cabeça infantil amassada, um olho de sangue, o ombro profundamente rasgado. Mas também está com ela o pavor de Leo-

nora, quando teve seu peito aberto ao meio, e o pescoço dilacerado no qual a cabeça de seu primo pendia. O rosto com hematomas de sua tia. Os braços roxos de sua mãe... as vozes no silêncio do sótão onde a prendiam. A cicatriz de sua mão, resultado de quando esteve a ponto de lhe abrir a garganta com um caco de vidro, tantos anos antes, ao desconfiar que **ele** era o lobisomem.

Os pés entorpecidos pelo frio e a umidade escorregam vergonhosamente nas pedras, e seu corpo meio magro vai ao chão.

A oportunidade que Alice queria. Ela é rápida. E em seguida ele grita com a dor excruciante da prata lhe atravessando a mão que instintivamente tentou conter o golpe. Ele a derruba, mas ela é ágil em se levantar e empurrá-lo. Trocam empurrões. Ela tenta acertá-lo com a faca.

Alice cai uma segunda vez, e aproveita para pegar a pedra e lhe acertar na têmpora. A prima vem em sua lembrança. A filha dele. Catarina. Foi assim que ela derrubou o velho Cigano tantos anos antes e conseguiu escapar. A diferença é que hoje não há escapatória pra ninguém. Nenhum dos dois fugirá desta vez.

Ele a derruba de novo, ao acertar um soco no meio do rosto, com a mão que não foi furada. Quer que perca a faca, mas a mesma está amarrada ao pulso dela. Esperava que ela apagasse com o golpe no nariz. Mas, pelo jeito, ou ela era mais forte do que ele imaginava, ou ele é que estava

fraco de verdade. E, pela primeira vez, considerou que perderia aquela briga. Finalmente. Mesmo assim parte pra cima dela, que está caída. Mais alguns socos e ela estaria acabada.

Em seguida a faca lhe atravessa o maxilar atingindo o céu da boca e lhe dando noção do gosto do próprio sangue. Não o gosto de sangue na boca, resultado de uma briga de bar. O gosto do sangue grosso, aquele que passou pelo coração e está energizado de força vital.

Os braços se debatem atrapalhados, o corpo estremece. É quase cômico seu desespero.

A fuga – é o que a mente dele pensa –, a fuga é o que deveria ter escolhido desde o primeiro momento. Não quando a viu chegar na estrada, não. Desde o primeiro momento em que a viu novamente, no dia em que localizaram o corpo da menina. Deveria ter ido embora e nunca mais olhado para trás. Como já fizera antes.

Puxar a faca foi uma satisfação incomoda, seguida por um espanto enojado com a quantidade de sangue que escorreu pela boca dele enquanto ainda estava em cima dela.

Alice detesta estar se sujando tanto com o sangue dele, mas não há tempo a perder. As próximas facadas são na lateral do pescoço. Mas essas, surpreendentemente, não sangram tanto quanto ela imaginou que sangrariam, e são mais difíceis de cravar até o fundo. É incrível como ele resiste. Tenta se erguer, mas não consegue.

Mesmo de quatro, tenta fugir, quer subir o barranco até a estrada.

A pedra maior o teria derrubado de novo, caso ela tivesse acertado. Também está cansada. Pega a mesma pedra e, desta vez, acerta a cabeça. Ele cai, mas ainda tem força nos braços para tentar repelir as estocadas da lâmina no seu pescoço.

É cansativo as vezes seguidas em que tenta golpeá-lo mas ele consegue se esquivar, como se implorasse, e ela acaba furando suas mãos ao invés do pescoço. É mais esforço ter de arrancar a lâmina da mão, para tentar de novo acertar sua garganta, ao mesmo tempo que precisa tentar conter seus braços atrapalhados.

Ela só vai parar quando a lâmina encontrar a pedra debaixo do corpo dele. Quando isso acontecer, ela vai procurar uma junção de vértebras nos ossos. Em sua mente pensa que é como se estivesse cortando uma galinha, só que com muita raiva.

Fica mais fácil depois que o corpo desiste. Alice não vê a luz da vida se esvaindo dos olhos dele. Só percebe que o rosto ficou vazio, inexpressivo, depois que já aconteceu. Quando ficou mais fácil de cortar.

Então não demora para, finalmente, a cabeça estar separada do corpo. E o sangue escorre profusamente começando a ficar espesso e escuro. No começo o vermelho estava vívido. Esta foi a única beleza que Alice enxergou em Moacir.

No centro de uma enorme poça vermelha estão os dois. Ele, morto. Ela, viva.

O cansaço vem com força depois disso, e ela permanece um bom tempo sentada a beira do córrego tímido, ensimesmada dentro do vazio de sua casca. Não sabe se por causa do esforço todo, da luta, ou do frio, está com sono. Um dos sinais de hipotermia é a sonolência. Lembra ter ouvido alguém falar algo a respeito alguma vez.

Desejou conforto. Queria um lugar seco com um chocolate quente, cobertores macios e paz de espírito. Está satisfeita, mas ainda furiosamente vazia por dentro.

No entanto sua recompensa será, a despeito de toda falta de energia, arrastar o corpo pelo córrego, com a esperança que a água a ajudasse. Porém não é abundante o bastante para que ele boie ou seja arrastado.

Chegando perto da beira do precipício, o chão vira um declive de pedras escorregadias, de algumas dezenas de metros antes de saltar para o abismo. Ela não quer arriscar uma queda. O arrasta até onde dá. Depois o empurra com os pés torcendo para que o corpo role, escorregue. O que não acontece.

Deixa-se cair sentada sobre a fina lâmina d'água onde está, esmurre a pedra molhada, e chora finalmente. Grita e nem se importa com o risco de a escutarem e virem ver o que estava acontecendo. O corpo não tinha caído mesmo. Se-

ria encontrado de qualquer maneira. Talvez fizessem alguma ligação com ela, talvez não.

Fica sentada ali por um tempo. Observando a paisagem com olhos inchados. Respirando e apenas existindo, ao invés de pensar sobre as implicações e os desdobramentos do que fizera. Apesar de, em algum lugar de sua mente, estes pensamentos estarem sendo processados.

Sente o rosto imenso, inchado. Examina se o nariz está no lugar. Nunca tinha levado um soco no meio cara antes.

Na água escassa se banha. Lava os braços. Tira o casaco de lã, que não serve de nada para proteger contra o vento que passa pelos nós da trama. Lava os cabelos, o rosto. Tenta tirar toda a sujeira de si e de suas roupas. Em seguida, passa os braços ao redor do coro. Tremendo tanto que descobre que a expressão “batendo o queixo de frio”, não se tratava simplesmente de uma hipérbole.

Depois de buscar a cabeça e arremessá-la na ribanceira, a mesma rola sem parar e desaparece no abismo. Seria bem difícil encontrá-la. Portanto identificá-lo também. Deduz. Mas o corpo continuava lá. O observou por mais um tempo.

É uma despedida? Está precisando de uma despedida? Ele era tão importante assim para ela?

Aos poucos se descobre voltando ao mundo. Volta a reparar nos sons de pássaros. Não escutou passos nem carros na estrada acima de sua cabe-

ça. Isso era bom. Está tudo calmo, frio e nebuloso. Seus dedos estão roxos de frio. Ela precisa ir.

Mas vai a passos lentos, como se fosse difícil partir sem ele. Seria possível deixá-lo para trás de verdade? O que faria agora, sem ele, para canalizar toda a sua frustração com a própria vida? Sem o seu objeto de ódio?

Foi feita justiça ou foi feita apenas a sua vingança? Porque o peso agora parece maior sobre seus ombros?

Pálida e ensopada. Encontra a mochila onde a deixou. Guarda a lã ensopada, se seca com uma toalha pequena e veste um casaco de tecido sintético com capuz. Cruza os braços ao redor de si e se abaixa na esperança de se aquecer um pouco. Contrariando seu entendimento das coisas, os pés encharcados dentro das botas são a parte mais morna do seu corpo no momento.

Continuar caminhando era o melhor a se fazer. Se encontrasse alguém pelo caminho, ou conseguisse carona, melhor seria se fosse distante do ponto onde encontrariam o corpo. O ideal é não encontrar ninguém.

Alice pendura a câmera no pescoço, disposta a tomar a estrada novamente, ainda que se sinta sem forças. Pelo caminho fará alguns registros, para aproveitar o seu tempo como se tivesse vindo até aquelas montanhas somente para turistar mesmo. Uma fotógrafa com vontade inabalável de se aventurar por seus registros.

A neblina está filtrando toda a luz e um melancólico tom pálido. Transformando a silhueta das árvores, atribuindo um toque de magia e mistério para onde se olhasse.

Liga a câmera. Inicia os ajustes. Leva o equipamento ao rosto para examinar a visualização pelo visor óptico e a dor vem lancinante. O nariz está sensível e dolorido como nunca tinha sentido antes. Certamente ficaria muito roxo, se já não estivesse. Que desculpa inventaria para os colegas do trabalho sobre isso?

A verdade é uma opção impossível para ela, por mais que amasse buscá-la e conhecê-la. Toda vez que a declarava, ou ela se implicava, ou era desacreditada. Aprendeu a lidar com isso com o passar do anos.

O peso de ver os companheiros de trabalho todos os dias, conviver mais com eles do que com sua família, sorrir, conversar e brincar, escondendo o fato de que é uma assassina entre eles, será mais um peso na sua consciência.

No natal, que está próximo, olharia para tio Ambrósio, para sua mãe e seu pai na mesa, e teria vontade de confessar que matou o marido de tia Zuleika. O ex marido. Mas ainda o pai de sua prima Catarina.

Ela acha que vai se sentir assim. Mas no fundo sabe que quando estiverem reunidos ela fingirá com a perfeição digna de um Oscar. Se assassinos e assassinatos pudessem receber prêmios, claro.

Quase ri com este pensamento. Fingir e não contar a verdade são seus dois principais aprendizados de vida.

Alice respira fundo, pela boca (por que pelo nariz dói quando força o ar). E começa a se acalmar.

Ela ficaria bem. Agora que tinha justificado as vítimas dele, levando sua vingança a cabo, ainda que para si restasse a marca de sangue eterna do assassinato nas mãos, começaria a ficar bem. Ela queria acreditar nisso, mesmo sem fé no seu querer.

Não dá tempo de se afastar muito do local, antes que faróis de carro desenhasssem bastões no ar, ao fazer uma curva. Um rápido e descuidado clique capturou o momento. Mais tarde descobrirá se a imagem ficou boa.

O motorista baixa o vidro, parando o carro diante dela, com o senho franzido e pergunta se ela está bem, fazendo um gesto sobre o seu rosto.

Alice sorri. Diz que está tudo bem. Inventa que subiu a encosta para fotografar quando foi surpreendida pela neblina. Na descida, com pouca visibilidade tropeçou e se machucou. Mas ele continua com o cenho franzido.

Então ela emenda num tom meio romântico, mantendo o sorriso simpático. Explica que é fotógrafa e pretendia ir até a rodovia a pé para registrar as paisagens pelo caminho, porque os taxis-

tas não gostam de parar e ficar esperando a todo momento.

A senhora no banco de trás baixa o vidro também e quase protesta por ela estar ao relento em um clima desses. Molhada daquele jeito pegaria uma pneumonia!

Alice sorri e finge leve indecisão com a oferta de carona, pelo menos até a cidade de Canela. Mas por fim aceita.

Há uma linda menina no banco de trás, na companhia da avó e uma mãe muito simpática no assento do carona, que se encanta em conhecer uma fotógrafa. A conversa entre elas é agradável e calorosa.

Olhando a desenvoltura da filha do casal, participando da conversa, pedindo para ver a câmera. Fazendo perguntas. Cheia de vida. Alice sente que esta manhã contribuiu para a promessa de um mundo menos sombrio.

Apesar de parecer estarem na estrada do limbo indo para o umbral.

Oliveira Machado é autor de Coxilha do Lobisomem. Este conto é um fragmento do seu novo projeto, em breve disponível na versão completa.